

CARTA A UM JOVEM POETA

CECILIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA

(Universidade Federal do Paraná)

Fialho de Almeida escreve a Manuel Ribeiro. Esta carta, provavelmente inédita, encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa. Na presente transcrição conservou-se a ortografia do autor português:

"Cuba, 23 d'abril de 1900 Sr. Manuel Ribeiro Entre os sonetos do manuscrito que me fez favor de remetter, achei constantes d'uma corda lyrica muito delicada e muito bella, revelando sensibilissimos progressos de factura e, concretização de pensamento, e deixando vêr um futuro e, por ventura, pujante poeta, d'accentuadas preferencias lyricas e amorosas, como é quazi geral em português novo e naturalmente propenso a sonhos e visões que ainda mais lhe amarguram, da vida, as desoladoras realidades. Vê-se que o seu espírito tem vivacidades e vôos para mais largos commetimentos, e que ha uma perpétua elaboração entusiatica e febril, onde o ideal se depura e o estro poeticó se apoia, para successivos e novos lances d'arte. Não precisa o amigo das opiniões e(1) de ninguém; nem, se lhe pudesse aconselhar alguma coisa, lhe diria que consultasse outro juiz alem dos seus instinctos d'artista que presinto subtis, e das renovações que o estudo e o tempo certo irão fazendo nos seus pontos de vista, na sua educação literária, e nas suas tendencias poeticas. Uma coisa lhe direi apenas: é que precisa trabalhar muito, muito e sempre. É-lhe absolutamente necessário um curso, que lhe dê a independencia material, e sobretudo lhe forteça o talento com sólidas bases; que sem elle, meu amigo, com o feitio dispersivo do portuguêz, não ha leituras consistentes. Não queira ficar, visto que tem talento à foita, em litterato amador, como ficam quazi todos. A litteratura e a arte são egoistas terríveis: e ou lhes damos a vida ou lhes passamos o pé, sem pensar mais

(1) Palavra não identificada no manuscrito.

n'ellas. Hoje, quem quer chegar, trabalha, mas a valer. E veja que, quando se tem a paixão das letras, vale a pena esse sacrifício, para deixar um ou mais livros, que sejam nossos, originais, filhos do nosso sangue e da nossa encerebração, e nunca, como por ahi se vê constantemente, reflexos de leituras proximas ou remotas, e, coisas sem outra importância além da gloriola ephemera que trazem n'um circulo d'amigos ou maldizentes.

Perdoe-me estas divagações e não veja n'ellas mais que a sympathia do meu espírito por um homem de valor, que pode ser grande si quizer trabalhar e progredir. Não me exponha mais a estes juizos criticos: poderia alguém pensar que eu me dou foros de mentor ou conselheiro. Sou apenas uma criatura bem intencionada, e prestes a fazer justiça a quem na tem. Adeus. Remetto o manuscrito, que muito agradeço, e aqui fico para o que lhe prestar. Fialho de Almeida".

Manuel Ribeiro (1) é apenas citado nos livros de História Literária (2) e os seus dados biográficos conhecidos não vão além de algumas linhas: que nasceu perto de Beja, iniciou sua carreira literária escrevendo no jornal "Bandeira Vermelha", estreou-se com um livro de poesias sociais "Sentimento de Viver", reflexo de sua ideologia de então, (porque foi na juventude um socialista apaixonado, sofrendo mesmo a prisão por atividades revolucionárias). Ainda de poesias publicou "A Imperiosa Verdade" mas foi com um livro de prosa "A Catedral" que lhe veio a glória, em seis edições que bem demonstraram o favor do público. Este favor surgiu do encontro do verdadeiro sentido da obra ou simplesmente da curiosidade pela situação do autor que, preso, vira a publicação do livro? Entretanto, "A Catedral" é o marco da transformação de um espírito — pela Arte aproxima-se Manuel Ribeiro da Igreja. Os seus dois romances seguintes, "O Deserto" e "A Ressurreição", talvez devido ao eco de uma crítica elogiosa feita pela opinião pública católica, foram bastante procurados. Mas, já antes de sua morte estava Manuel Ribeiro esquecido, sendo hoje, quase posso afirmar, completamente ignorado como poeta e muito pouco lembrado como romancista. Contudo, não deixa de ter interesse como precursor do romance que acusou os problemas sociais da época e retratou os costumes e tipos e paisagens do Portugal de então.

(1) Manuel Antônio Ribeiro nasceu em Albernoa em 1878 e morreu em Lisboa, em 1941. É muito facilmente confundido com o poeta ilhéu, Manuel Ribeiro, pseudônimo de Marcondio Câmara.

(2) Talvez o único trabalho de crítica literária sobre Manuel Antônio Ribeiro seja o do Prof. Feliciano Ramos.

Foi êste amor pela terra, foi esta ânsia de acusar as injustiças, foi o seu espírito de luta, que o levaram para Fialho, também filho do Alentejo, tantas vezes regionalista (3) e sempre tão agressivo para os males do tempo? O certo é que envia as suas primícias literárias ao "Mestre". Fialho já se encontrava, nessa época, em Cuba. De acordo com seu melhor biógrafo (4), a partir de 1894 — ano em que lhe morre a mulher — "a vida de Fialho não tem história". Ocupa-se de suas lavouras e vai escrevendo os seus artigos. Na aparência, uma vida calma e próspera, mas na realidade talvez nada mais do que a consumação dos dias num exílio forçado e, por isso mesmo, tanto mais sentido. Em 23 de abril de 1900, quem escreve essa carta é o Fialho gato raivoso que "arranha sempre", ameigado dando admiração do neófito ou apenas o leão vencido de unhas sem fio e presas gastas?

Porque estas linhas nada tem de crítica objetiva, e o futuro bem provou quão inexatas foram as afirmativas de Fialho no seu julgamento. Aliás, esta visão deformada é muitas vezes natural em Fialho; considerado um crítico impressionista, ele próprio arvorando-se em crítico (5), nem sempre soube reconhecer nitidamente o valor de uma obra. Seja porque se dispersou (fêz crítica de Pintura, Teatro, Sociedade, Literatura), seguindo o sentir do momento ou as necessidades do jornal; ou porque não teve a formação cultural e informativa necessária; e talvez, principalmente, porque lhe faltou a ética profissional, ou aquela ideologia clara de que fala Jules Lemaître, o crítico impressionista francês (6): "Un bon critique n'a point de lubies; il se déifie de ses caprices, des impressions d'une heure; il ne change pas d'aune et de toise comme de chemise. En mesurant une oeuvre, il se souvient de toutes celles qu'il a déjà mesurées: il porte en lui une sorte d'étaillon immuable. Il demeure le même en face des œuvres multiples qui lui sont soumises; et c'est pour cela que l'on comprend les raisons de tous ses jugements et qu'ils peuvent former un corps de doctrine".

Fialho, que inúmeras vezes se deixou levar pelos caprichos, impressões, antipatias, pouco analisou em detalhes e de maneira positiva. Nesta carta, limita-se a dizer, muito vagamente, que a poesia é lírica — "uma corda lyrical muito delicada e muito bella" — e a anunciar o futuro artista, repetindo-se: "d'accentuadas preferen-

(3) Numa carta a Brederide, em 4 de dezembro de 1906, Fialho de Almeida afirmava: "também eu sou um regionalista alfaicnha que sabe de cor as alfurjas da cidade e um alentejano pastoril um pouco bruxo e cavador de enxada".

(4) Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão — "Fialho — Introdução ao Estudo da sua estética", Coimbra, 1943.

(5) "Meus Senhores, aqui estão "Os Gatos".

(6) in "Les Contemporains", 2ème série — article sur J. J. Weiss.

cias lyricas e amorosas". Esta insistência em referir-se ao futuro, se por um lado natural, uma vez que Manuel Ribeiro tem nessa época vinte e dois anos, pode ser também uma fuga da crítica honesta e profunda; em vez disto, alimenta esperanças que são condicionadas aos conselhos: "precisa trabalhar muito, muito e sempre", "é-lhe absolutamente necessário um curso". Já no ano anterior, em outra carta a Manuel Ribeiro (7), mais objetivamente lhe aconselhara "um curso scientifico inda que seja a custa dos mais extremos sacrifícios", conselho este que presumo ter sido seguido, pois Manuel Ribeiro chega a matricular-se na Escola Politécnica, para tirar os preparativos de Medicina (8). Se realmente foi uma decisão de jovem influenciado pelo Mestre, mostrando de um certo modo a sua submissão, devemos reconhecer que Fialho não correspondeu a esta confiança, pois, apesar de dizer-se "uma creatura bem intencionada", limita-se a divagações que, certamente, pouco ajudaram ao neófito. O próprio Fialho, aliás, reconhece as suas divagações. Mas o estranho pedido de não mais ser chamado como avaliador adviria do medo pueril de ser tido como um mentor ou conselheiro ou apenas por falta de coragem de julgar uma obra que via não poder jamais resistir ao tempo?

É o aspecto de interesse dessa carta. Porque, se foi por meiguiço que Fialho assim procedeu, trata-se de um documento que, em certa medida, vai servir de base àquelas afirmativas que o retratam um homem brusco, mas bom. Se, por outro lado, apresenta uma visão crítica deformada, constituirá um argumento para discutir o valor dessa crítica. Ou pode ser ainda o retrato de um Fialho temeroso de, após tantas agressões, sofrê-las em si mesmo.

E, portanto, quem conhece um pouco José Valentim Fialho de Almeida, poderá sorrir destas hipóteses. Porque Fialho foi bem capaz de ser tudo isto nesse dia: um bom homem, um mau crítico e um ser tímido.

Coimbra, setembro de 1966.

(7) Datada de 22 de março de 1899, e que também se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa.

(8) Por motivos que ignoro, Manuel Ribeiro interrompeu seus estudos.

Sobre Manuel Ribeiro:

— Cruz Pontes — "Manuel Ribeiro — realista", separata da Revista "Estudos", Coimbra, 1950.

— Ramos, Feliciano — "Estudos de História Literária do Século XX", Lisboa, Edição Oiciente, 1958.